



(Phot. de M. A.)

## LEITURA ALEGRE

PROPRIETARIO

*Joaquim Antonio Pereira Villela.*

DIRECTOR

*Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.*

ADMINISTRADOR E EDITOR

*Clemente de Campos A. Peixoto.*

### Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
BRAGA

### CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

*Portugal e colonias* — Um anno, 2\$400.  
Semestre, 1\$200. Trimestre, 600 rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador  
acresce o importe das despesas.

*Extranjeiro* — Um anno, 3\$000.

**Numero avulso, 60 reis**

**Numero 134**

**Braga, 22 de janeiro de 1916**

**Anno III**

# Ornamentos d'Egreja da Casa Estrella

Officinas d'Esculptura e Talla Religiosa, em madeira, marfim e massa (Fundada em 1874)

**A CASA ESTRELLA é a fornecedora das principaes casas congeneres no estrangeiro**

Depositos de imagens, oratorios, castiças, ramos, custodias, calix, lampadas, lustres, etc. etc.  
e de todos os objectos do culto divino desde os mais simples aos mais luxuosos



Specimen de uma esculptura em madeira executada nas nossas officinas

**PORTO** — Rua do Bomjardim, 85 a 89 e Rua de Santo Antonio, 59 a 63  
**GUARDA** = Representante e depositario — **CASA SUCENA**  
Rua Heliodoro Salgado

Aos nossos trabalhos foram concedidos os mais altos premios nas exposições  
Industriaes Portuguezas de 1887 e 1897

**Pedem o nosso catalogo illustrado com 143 gravuras.** (Pede-se uma visita ás nossas officinas e depositos de vendas)



# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Perelra Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Vellozo

EDITOR E ADMINISTRADOR  
Clemente de Campos A. Pelxoto.

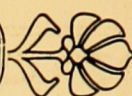
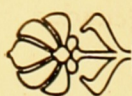
Braga, 22 de janeiro de 1916

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
Não se restituem os originaes

Numero 134—Anno III



Jesus Christo consolando um soldado allemão, moribundo  
(Quadro allemão)



## Na "barca pequena,"...

EM primeiro logar, dizia-me ha dias jocosario um official do exercito, é impossivel, material e moralmente impossivel mobilisar uma divisão. A' primeira vista parece fácil, mas não é. E quér v. saber porquê e para quê?... E' fácil: uma para ir para a guerra, outra para a obrigar a partir!...

Eu não cahí das nuvens ao ouvir estas palavras, meu caro leitor. Eu ri-me, ri-me como se riu o official *blagueur*. N'essa tarde deambulei pelas ruas centraes da cidade e li os *placards* da guerra que o *Commercio* inventou ao lado da verdadeira para divertimento dos seus assignantes a seis mil réis por anno e para irritar os srs. Burmester que germanicamente já prometêram solemnisar a victoria dos imperios centraes com uma grande fogueira de carqueja portugueza... Por signal que, quando os lia, dois individuos com apparencia de operarios, suggestionados pelas victorias dos alliados que o *Commercio* annuncia ao fechar das lojas, desataram a palrar da guerra, declarando um, com magua farofia que o *bandido* do *Kaiser* soffre actualment: d'uma *apendicite* na garganta e que lera no *Mundo* um artigo do *Times* em que se dizia que a Republica offereceu soldados portuguezes á Inglaterra, mas que esta os não acceitara...

Foram estes dois homens que me aguçaram a curiosidade de vêr o tal artigo do diario londrino, que todos os jornaes reproduziram. E' uma somne rabulice e um velhaco insulto que ha bons vinte e cinco annos faria inflamar os tropos da eloquencia republicana, que n'este quinto anno de democracia triumphante a *Capital*, gazêta officiosa do sr. Bernardino Machado, cobriu de babosos applausos. N'elle se diz que temos dado tudo e mais alguma coisa á Inglaterra, sujeitando-nos á situação de contrabandistas de guerra, que o actual presidente da republica nos quiz atirar para o açougue europeu à *tort et à travers*, mas que a mesma *fiel* alliada não acceitou a offerta, e que... *estamos em paz com a Allemanha*, supportando com *paciencia* uma posição *equivoca* em que a loira e magnanima Albion tem todo o interesse do seu incommensural egoismo. Isto equivale a um epitaphio gravado no fundada loisa tumular do regime...

...O que fui dizer! Perdõe-me o leitor: é talvez sugestão d'uma revelação feita hontem á porta do meu livreiro por um audaz e ingenuo sebastianista:

— Tu sabes o que *por ahi corre*? Temos a *coisa* antes do fim do mez!

O que me vale é *correr por ahi* a tourada,

senão... seria eu o traidor miseravel que amanhã amargaria os tratos de polé da vindicta popular. Tenho mesmo a vaga ideia de ter visto hoje o Sr. Scévola sorridente no electrico que nos leva todas as manhãs... Que saberá elle a esta hora?...

Se leu os dois primeiros fasciculos do *D. Manuel II* de Rocha Martins, para cuja não-publicidade me dizem terem-se movido grandes influencias, receosas de algumas revelações que o brilhante pamphletario promette, — lá veria o pequeno commissario na descripção do cadaver do saudoso Luiz Filippe e dos seus bellos sonhos de rei, estas flagrantes palavras: «E nem desembaiña a espada porque se amarfanhára na morte *como o symbolo d'um exercito inérte*.» Por aqui, vê o leitor que sob o ponto de vista capital do brio, o que se passou em 1 de fevereiro de 1908, repeliu-se no dia 5 d'outubro, teve reprodução deante da figura cada vez mais nobre e maior de Couceiro em Chaves, confirmou-se no dia 14 de maio... e quem sabe (oxalá que não!) se o meu sebastianista e alviçareiro do que por ahi corre, não terá de concertar mais um rombo na caravela das suas prophcias innocentes!...

Eu, pelo menos, ando convencido de que a crise do character atacou as proprias radículas da raça, e que aquilo que todos chamam a crise da republica — agora patente com a fuga eminente do Sr. Affonso Costa do poder depois de augmentar a contribuição industrial e de sorver por artes magicas os milhares de contos arrebatados á posse da Egreja, — condiz em tudo com a crise da nacionalidade, atirada aos baldões para este abymo d'um *systema politico* d'arruaças, de ignorancia, de delirio e de demencia, que anda a pedir aquella pateada que Ramalho Ortigão aconselhava ao publico portuguez, muito justamente parecida á que recebeu em Lisboa a representação do *Primo Bazilio* do Eça, theatralisação de um nojento caso d'adulterio, feita logicamente por um advogado commendador da lei do divorcio.

Quando virá a pateada, aquelle *derradeiro esforço* para que o Sr. Camacho ha dias apellou? Ninguem sabe...

A unica certeza para nós, é aquella mesma que em 1683 o Padre Antonio Vieira viu no seu sermão da terceira quarta feira da Quaresma, ao comparar a *republica* a uma barca:

«Que he hña barca, senão hña Republica piquena? E que he hña Monarchia, senão hña barca grande?... Hum defeito reconheço no pescador para os logares do lado, que *he o exercicio de puxar para si*.»

Os fornecedores do exercito que o digam e mais o Sr. José d'Abreu...

F. V.

# VIDA INTENSA

POR J. DE FARIA MACHADO.

## Charada . . . grega



Grecia não se decide. A sua politica hesitante oscilla entre o deslumbramento do emprestimo estonteador com que a França lhe acena e a visão perturbadora de grandes compensações territoriaes, com que os austro-allemaes, manhosamente emmolduram o madrigal dos seus galanteios protocollares.

A sua attitude limita-se a protestos platonicos perante as chancellarias dos alliados e nem mesmo o caso unico da prisão dos consules, que para muitos se afigurou como rastilho final, modificou essa attitude manhosa porque o despeito e a colera pela violação tremenda, traduziu-se apenas n'um romantico e theatral protesto do gabinete d'Athenas.

Affirma-se que o estado-maior heleno espera apenas um completo triumpho nos Balkans, para se precipitar enthusiasmado nos braços dos vencedores e não falta, por outro lado, quem assegure, que os gregos serão ainda os mais energeticos e devotados cooperadores dos alliados, na reconquista da Servia como isto não fôsse afinal, a mais perigosa phantasia, que poderia surgir aos ullimos abencerragens de Salonica.

Reconquistar a Servia? Não seriam positivamente as escassas forças, que veraneiam n'aquella cidade da Macedonia ou os dizimados restos do heroico mas derrotado exercito servio, que poderiam levar a cabo tão grave como perigosissima tarefa. Poderiam os alliados enviar novos effectivos, hão-de repetir-me todos aquelles loucos e obstinados sonhadores, que por ahi devaneiam accordados, com bellicos furores, como a não quererem vêr, que se os francezes e inglezes alguma vez tivessem pensado a sério na sua intervenção nos Balkans, não teriam deixado, como deixaram, criminosamente abandonados os exercitos servios, correndo, de derrota em derrota, o seu triste fado de vencidos, ante o impulso brutal dos imperios centraes. E se não pensaram, n'esse momento n'uma empreza que talvez fôsse facil e que se lhes impunha pelo mais elementar dever de lealdade não se arriscarão fatalmente no actual momento de completo e ruidoso fracasso, n'uma inutil e perigosissima aventura. A propria occupação de Salonica, arrastada e tardia medida dos alliados, obedeceu a razões muito diversas. Foi talvez uma habilidade subtil, uma manha estrategica, para facilitar a intervenção da Russia na longinqua Bessarabia mas nunca o leal e

desinteressado auxilio aos heroicos flagellados, como tresloucada de enthusiasmos épicamente cantou a imprensa de Paris.

Duas vezes já n'este horrivel e sangrento conflicto a pobre Servia vencida, serviu de joquete nas mãos egoistas dos alliados. Duas vezes já, esse heroico e malaventurado povo, que se tem grandes culpas a expiar, tão nobres e generosas qualidades revelou na adversidade, serviu os inconfessaveis designios d'uma politica odienta d'egoismo feroz. E' por isso talvez que a Grecia, commentando a frio as declarações do Rei Pedro, na sua chegada a Valona, de que a sua desventurada patria, embora disposta a aceitar as condições da Austria, fôra empurrada para a guerra, pela diplomacia britannica, veja tambem no exemplo frisantissimo dos visinhos, a razão das suas inquietações internas, o motivo do enthusiasmo Venizellista, cego instrumento dos alliados, e muito prudentemente se vá aquentando na sua politica d'hesitações.

E se amanhã, a diplomacia allemã solucionar o unico problema, que tem determinado este compasso d'espera, harmonizando as velhas pretensões dos velhos inimigos, estabelecendo uma plata-fôrma onde as aspirações dos bulgaros e gregos se possam encontrar, não será nada extranho que estes ullimos fechem os olhos ao deslumbramento do oiro francez e se lancem decididamente nos braços amigos dos austro-allemaes.

E então . . . começará o fim.



## Minha Mãe

POR FRANCISCO SEQUEIRA



Quando vejo minha Mãe  
E lhe beijo a sua mão  
Que paz no meu coração . . .  
Como, então, me sinto bem!

Do seu doce olhar me vem  
Um dulcissimo clarão.  
Como eu sou feliz então . . .  
Mais feliz do que ninguem!

Ella me beija e me abraça  
Com tal carinho e ternura  
Que me enche de vida e graça.

Teu amor me guia e encanta,  
Como estrella em noute escura,  
Minha Mãe, ó minha santa!



«Tu não morres, ó Patria a tua vida  
«É da vida dos mortos renascida.»

«Canto 4 estações.»

C. d'Oliveira.

I

**E**M noite de S. João de 1360 nascia Nun'Alvares, filho de Dom Alvaro Gonçalves Pereira e D. Iria Gonçalves do Carvalhal, cuvilheira-mór, linda e môça. Retirada nos Paços do Bomjardim, em Sernache, viu decorrer debaixo da sua vigilância a meninice do Condestavel que de alli surge em plena côrte de Dom Fernando e da perversa Leonor Telles, essa creança loira e linda, que ainda hontem corria nos perfumados jardins do Paço de Sernache, hoje metamorphoseado em heroe no sonho d'um Galaaz e volvido em realidade n'um vencedor de Castella, envolto n'uma cotta de aço, d'elmo, empunhando uma espada de cruz e realizando o vaticinio d'Invencivel, resplandece então essa figura gigantesca que se imporá ao mundo pelas suas virtudes e santidade, pela sua grandeza e heroismo.

Ha n'elle um reflexo do divino, qualquer coisa do infinito, do eterno, que a nada de humano se pôde comparar, conservando o prestigio de santo e d'heroe atravez dos seculos e illuminando, como o clarão d'um astro, o passado todo da Historia Patria.

Assim como o sol que nasce e se esconde no mysterio do horizonte, desaparecendo na inscontancia da luz d'um crepusculo tardio, para renascer na luz pallida d'uma madrugada, revivendo, (rejuvenescido sempre) e brilhando no seu zenit, astro velho e sempre novo assim esse Condestavel d'era a era, renasce, revive entre os seus, e seculos mais tarde (como se fôra um nascimento esquecido da idade média...) surge nos nossos tempos um portuguez com a alma de Nun'Alvares, uma outra creança loira tambem, cuja infancia decorre nas margens do Tejo, nascido em Lisboa, soldado, guerreiro, heroe.

Na sua loira meninice os seus jogos eram batalhas, os seus brinquedos espadas e dragônas, capacetes e espingardas, os soldados de chumbo na sua visão erão exercitos invenci-

veis, os seus sonhos épicos, as suas musica<sup>S</sup> marciaes, clarins e tambores. A's tardes nos recreios á frente de 20 ou 30 garôtos lá ia elle em marcha, á sua voz de commando tudo obedecia, sentia-se já nas suas brincadeiras infantis o prestigio do heroe de Chaimite, a alma do soldado de Magúl.

Ama a sua bandeira como Nun'Alvares, tem por ella um culto, fita-a com amor, vê n'ella o azul amado do ceu de Portugal, o branco das ondas do seu Tejo, reflexo dos seus olhos no azul das suas pupilas.

E' portuguez na alma, valente como um espartano, como os romanos tem immaculado um ideal de gloria, como Nun'Alvares, sonha as façanhas de Galaaz, como elle quer ser invencivel sem medo e sem mancha. Creança ainda ás tardes de maio, levará-o a mãe ao mez de Maria a S. Luiz dos Francezes, em Lisboa; a igreja illuminada, revestida das suas galas, ás côres da Virgem, repleta de fieis, n'uma assistencia selecta, todos o notavam, correcto e piedoso, pequenino no corpo e grande já na alma, orava com fervôr com os olhos fitos na Virgem, padroeira de Portugal, e quando a mãe, ingleza, rezando na sua lingua lhe dizia:

«Hail Mary» elle respondia na lingua de Camões e Vieira, no seu lindo portuguez, «Santa Maria.»

Era portuguez na alma, aquella loira creança d'aspecto inglez. O seu estudo favorito era a chorographia d'Africa, d'esse horizonte onde convergiam os seus sonhos épicos, por onde vagueava o seu espirito guerreiro. No decorrer agitado da sua vida o capitão phantasma adquiriu com as amargas desillusões e a convivencia dos homens o perfeito conhecimento d'elles, e mantendo-se no seu pedestal, domina-os todos pelo seu prestigio immorredoiro; a sua alma infantil ainda invencivel..., caminha sempre com os olhos fitos no Infinito, emquanto a vida em letras d'oiro vae escrevendo paginas d'heroismos e abnegações, immortalizando o nome d'essa tal loira creança, émulo de Nun'Alvares que é hoje Henrique de Paiva Couceiro.

ALMAFALA

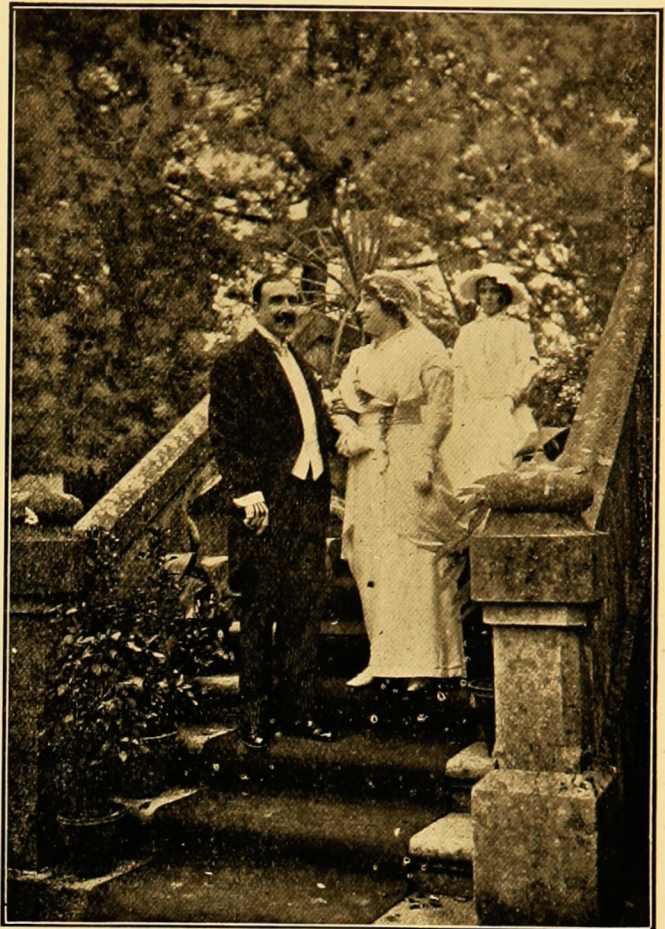
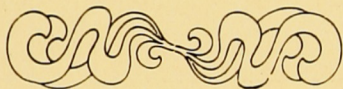
Braga 30 | 10 | 1915.

## UM CASAMENTO ARISTOCRATICO



Na casa da Castanheira em Barcellos, consorciaram-se ultimamente o Ex.<sup>mo</sup> Snr. Marco Leite de Ribeiro Teixeira Pinto Tameirão (Vallada), e a Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Eliza Maria de Menezes Casado Geraldés Cardoso e Silva. Esta cerimonia religiosa effectuou se na capella particular da casa da noiva, pertencente aos illustres viscondes de Godim. Presidiu á cerimonia religiosa o Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Senhor D. Antonio Barrozo, illustre Bispo do Porto.

A cerimonia revestiu-se de grande pompa.



*O Snr. Marco Leite Ribeiro Teixeira Pinto Tameirão (Vallada) e a Snr.<sup>a</sup> D. Elisa Maria de Menezes Casado Geraldés Cardoso e Silva depois da cerimonia religiosa*

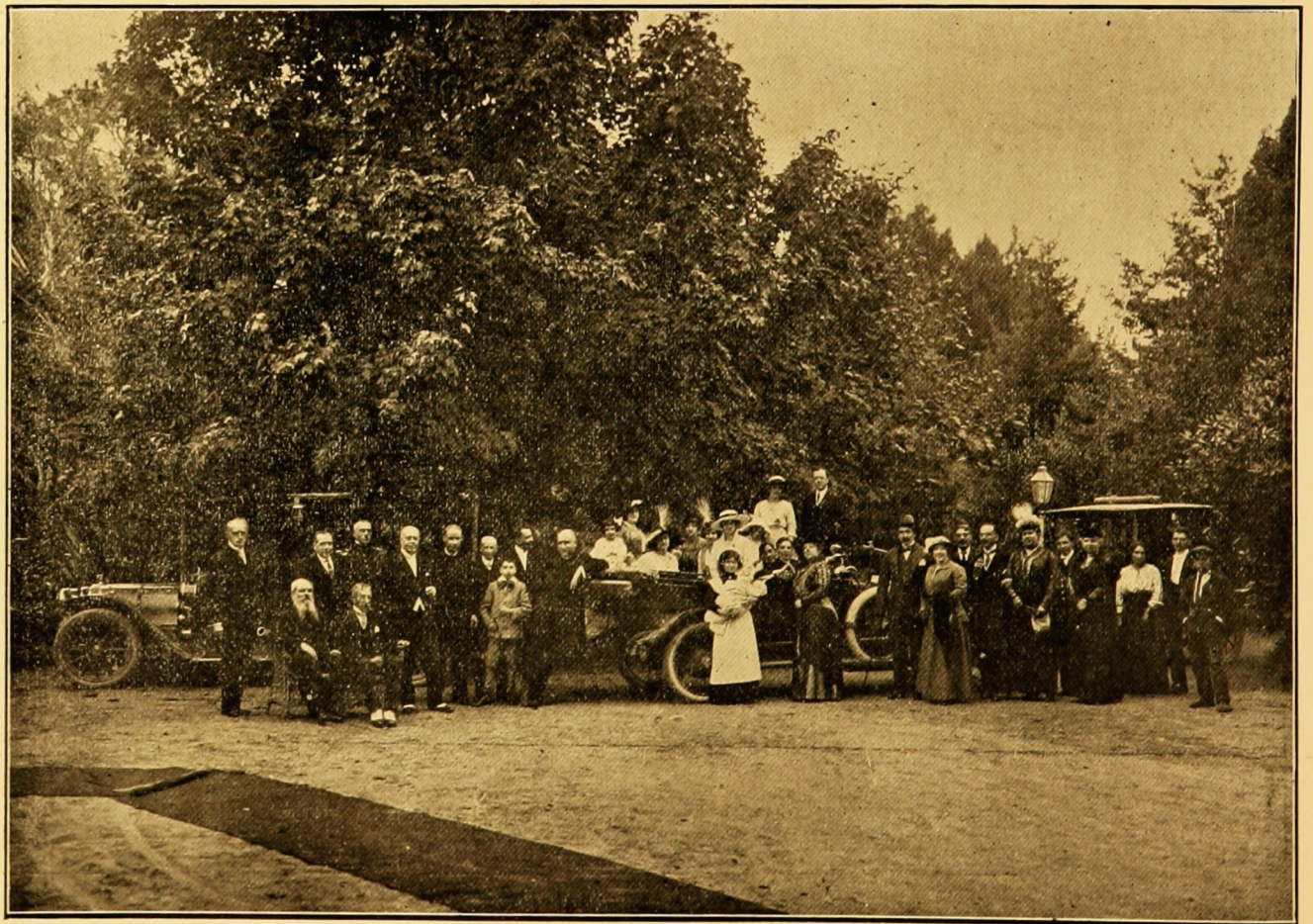


*O cortejo regressado da capella particular da Casa da Castanheira, onde se realisou a cerimonia religiosa*





*Um grupo de convidados*



*Poucos momentos em antes da partida dos noivos*

(Phots. A. Soucasaux.)





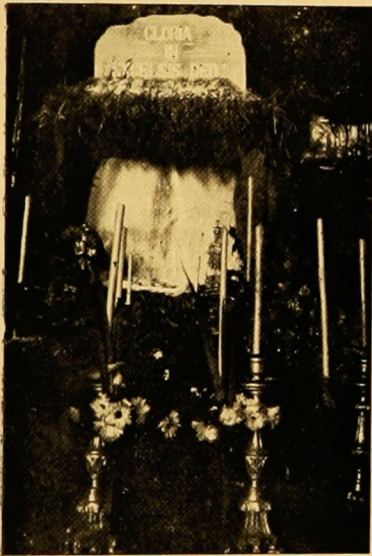
## Portalegre

1—Comissão que se encarregou da distribuição dos premios da Arvore do Natal, na igreja de S. Lourenço, com o rev.º parochio P.º Francisco Sequeira.

2—O presepio da igreja de S. Lourenço.

3—A Arvore do Natal.

4—As creanças da Catechese da freguezia de S. Lourenço, no dia da distribuição dos premios.





*Um grupo de cantoras que durante a novena do Menino Jesus em S. Lourenço, se exhibiram brilhantemente*

## OS ALHOS

(Episodio da vida rustica)



**N**ADA! E' unia ladroçeira! Por dez mólhos d'alhos aquelle grande patife péde-me quasi duas libras! Está doído...

E entre imprecações da mulhér e da filha, o José da Azenha, vociferava, de papel na

mão, contra o lavrador que na feira lhe vendêra os alhos.

— Deixa lá, homem, deixa lá, se calhar, elle quando rabiscou a conta tinha bebido... Sabe que mais? Vã roubar ao inferno, que os alhos cabem todos n'uma mão...

— E o pae quér pagar-lh'os?! bradou a filha de mãos erguidas e sobr'olho franzido. Macacos me lèvem, se eu pagava os alhos...

— Eu!? pagar os alhos por quasi duas libras! O' rapariga, tu por quem me tomas? Ainda que venha a justiça por ahi dentro e leve as arcas de castanho, da minha bolsa não sahe um pataco para os alhos!

E todos á uma repetiram, como accêsos pela mesma colera:

— Vã roubar ao meio do inferno!...

A' ceia o thema da conversa foi o mesmo: a venda dos alhos. Não está bem averiguado se de noite, enrolado nos cobertores da sua cama de pés torneados e enfeites de metal, o José da Azenha sonhou com os alhos. O que



*Estreito (Oleiros)*

*Uma cruz de madeira existente n'um valle, ha memoria d'uma missão religiosa*



*PENAFIEL—Grupo de empregados do commercio reunidos em festa intima commemorando o dia de Anno Novo. De pé J. Maria Moreira, Ernesto Duarte, José Vieira da Cunha. Sentados, João José Moreira e João Rubro*



*Os commandantes das forças alliadas durante os annos de 1914 e 1915.*

*General Joffre commandante dos exercitos francezes.  
General French commandante dos exercitos inglezes.*

se conta ainda na aldeia, é que no dia seguinte, ninguém que por elle passou, deixou de saber que lhe tinham pedido na feira por dez molhos quasi duas libras . . .

Transcorreram dias e dias. Na sua leira, na venda, á sahida da missa, por toda a parte José Azenha fallava na conta que recebêra, e gritava que não a pagaria.

Uma tarde, bateram ao portal da casa.

— Quem é? perguntou de dentro a mulher.

— Abra o portal.

A snr.<sup>a</sup> Maria assomou:

— Quem é vocemecê?

— Diga ao seu homem que chegue aqui n'um instante para ouvir lêr isto e assignar, que manda o snr. juiz . . .

— Mas vocemecê quem é? tornava a snr.<sup>a</sup> Maria.

— O' mulher, faça o que eu lhe digo, que inda tenho que andar muito. Sou o official de diligencias da villa.

— Credo! O' meu Senhor do Monte! Querem vêr que o maldito . . .

E correndo para dentro chamou o marido que andava a çodar.



*Como os inglezes calcularam que os marinheiros allemães, passaram a noite de Natal, nos submarinos*



*Officiaes suissos na fronteira italiana*

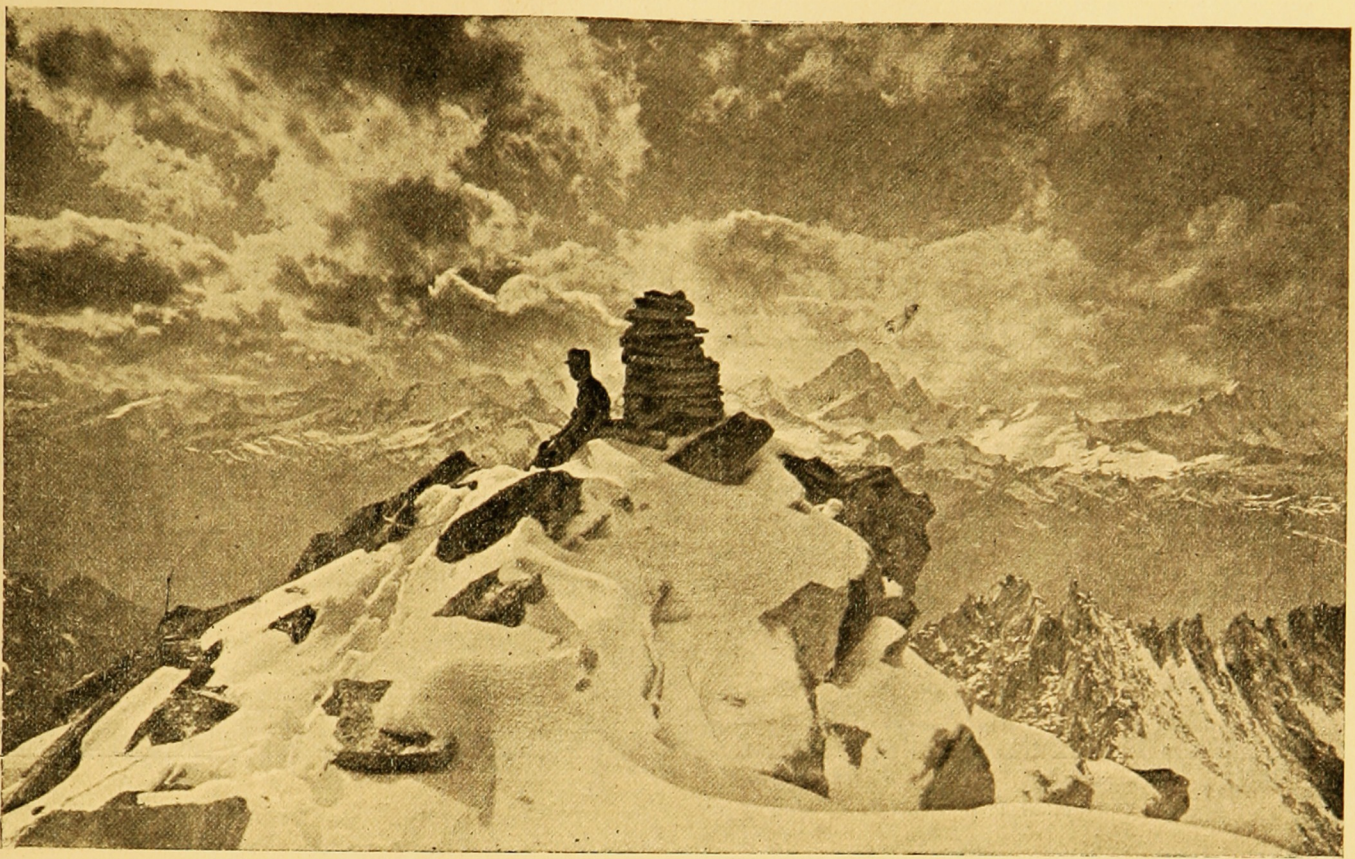
José da Azenha rogou pragas, disse que não tinha mêdo da justiça, que justiça de sobreiro precisava quem tinha ido mover-lhe o processo, repetiu ao official impaciente a historia da compra dos dez molhos de alhos, contou-lhe como recebêra uma conta de quasi duas libras por elles, mas, desafogado, assignou.

No dia seguinte pela manhãzinha metteu-se a caminho da villa. Consultou advogado, que lhe deu razão, na volta foi ouvir sobre o caso um seu compadre abastado, e mal chegou a casa disse á mulher:

— Põe-me ahi duas vêlas na egreja a S. Sebastião e deita uma corôa na caixa das Al-



*Soldados suissos lançando bolas de neve de cima d'uma grande montanha coberta de neve*



*A fronteira suíça-italiana no valle de Formaza  
Um pittoresco posto da guarda fiscal no Pizo Gallina*

mas, que o demo dos alhos dão me voltas cá dentro da cabeça e se não venço a questão, *inté* parece que arrebento!...

A sr.<sup>ta</sup> Maria, transida de susto, nem se atreveu a perguntar mais ao marido. N'esse mesmo dia a ordem foi cumprida. Pediu a chave da igreja, poz as vêlas nos castiçoes, e a *corôa* na caixa das esmolas para as Almas, sem dizer porque o fazia á creada do abbade que á porta seguia curiosa todos aquelles signaes de açodado fervôr...

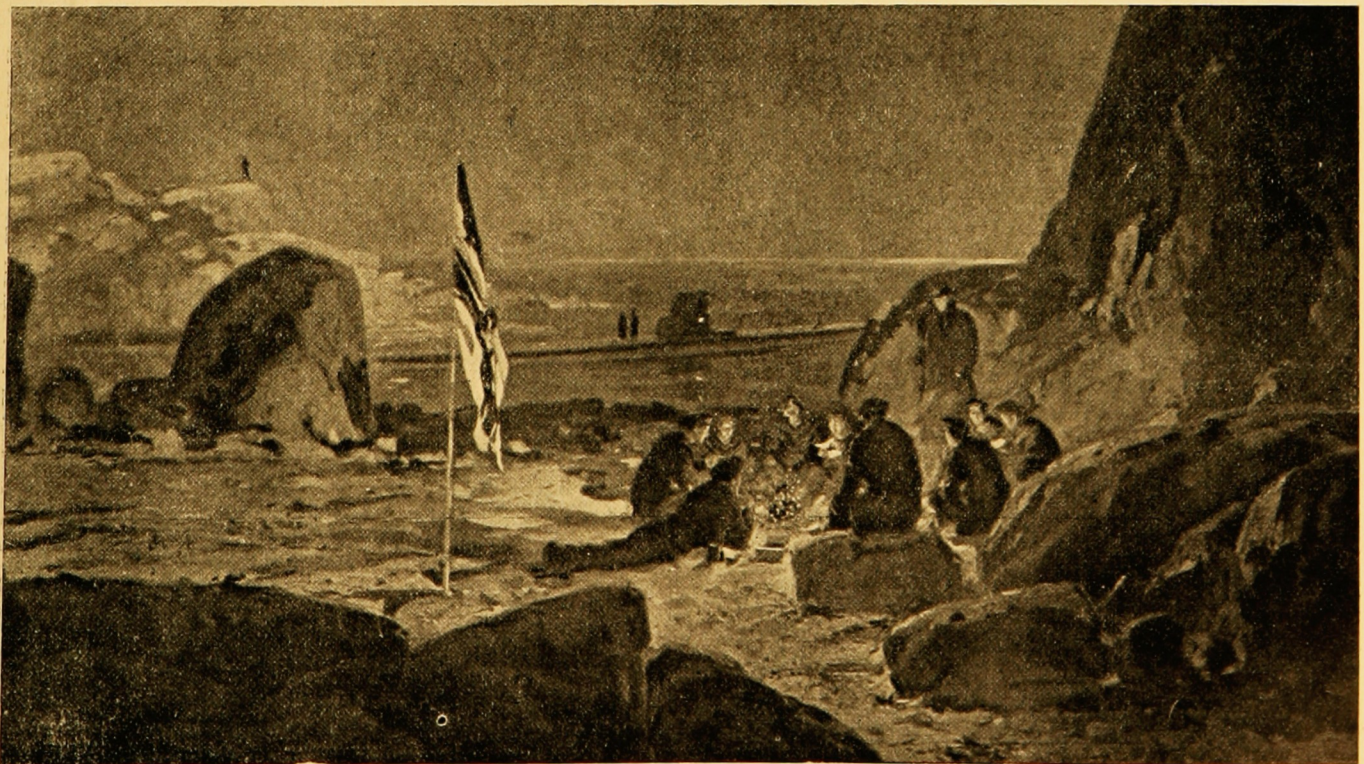
— A sr.<sup>ta</sup> Maria tem alguém doente? arriscou por fim.

— Graças ao Senhor, está tudo de saúde... São os alhos... ó demo dos alhos... que S. Sebastião e as bemditas Almas me perdoem, mas aquelle homem precisava de fôrça!...

E rodou estrada fóra.

— Crédo! A mulher parece tola... volveu a creada do sr. abbade.

D'ahi a oito dias o advogado mandou cha-



*A tripulação d'um submarino allemão guardando a costa na noite de Natal*



O novo commandante das forças britânicas general sir Douglas Haig despedindo-se do general Joffre depois d'uma demorada entrevista

mar o seu constituinte. A questão estava resolvida.

— E o juiz que disse, sr. dr.?

— Isto e só isto. Ora tome lá atenção.

O advogado abriu o processo a folhas da sentença. José da Azenha abriu muito os olhos. A mão que segurava o chapéu tremia...

— Cá está a sentença:

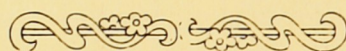
«Se não lh'o deves d'alhos, dálhos. Se lh'o deves d'alhos, não lh'o dês».

Agora resolve lá você o que entender.

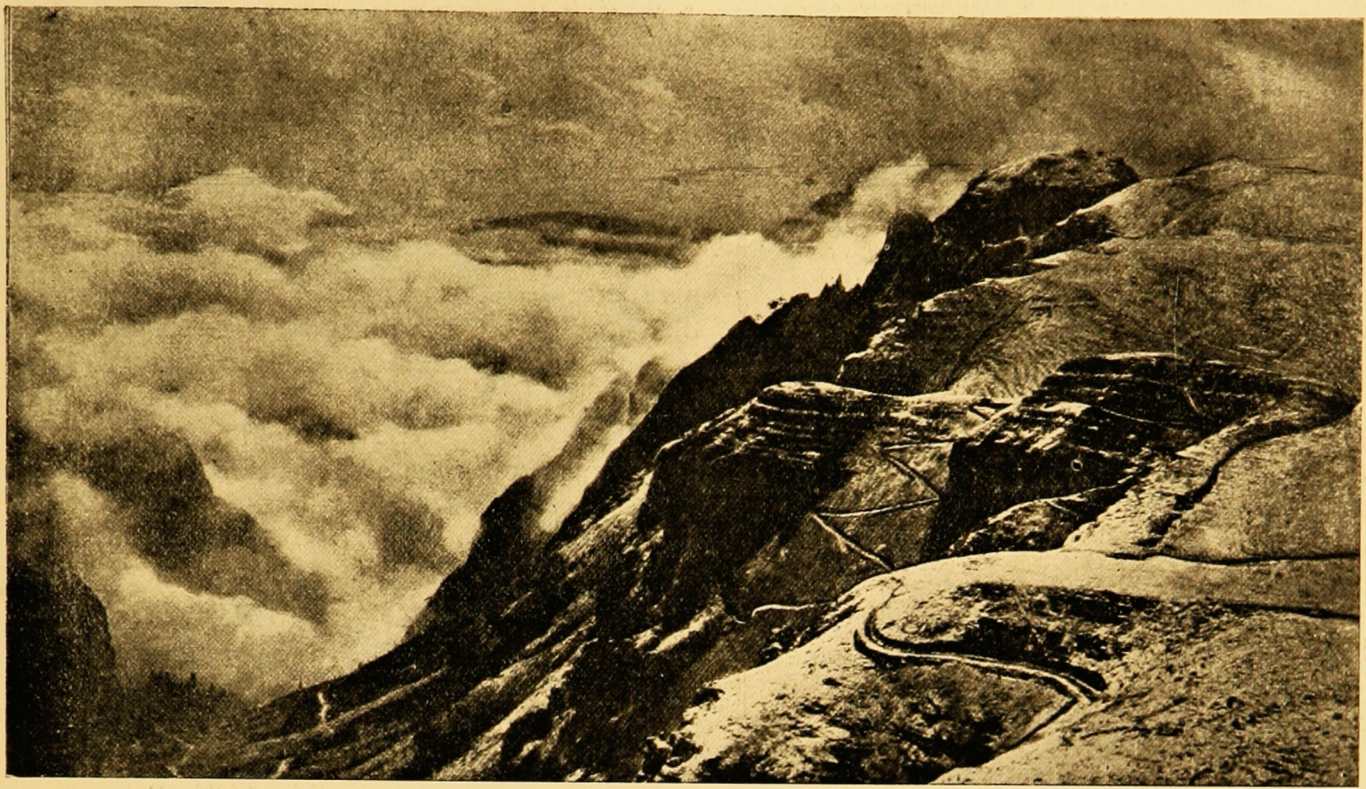
— Eu!? Pois não lh'o dou snr. dr.! bradou o José da Azenha! Vá roubar ao meio do inferno!... Ganhei a questão!

Voltou para casa. N'essa noite já não sonhou com alhos... e a snr.<sup>a</sup> Maria socegou.

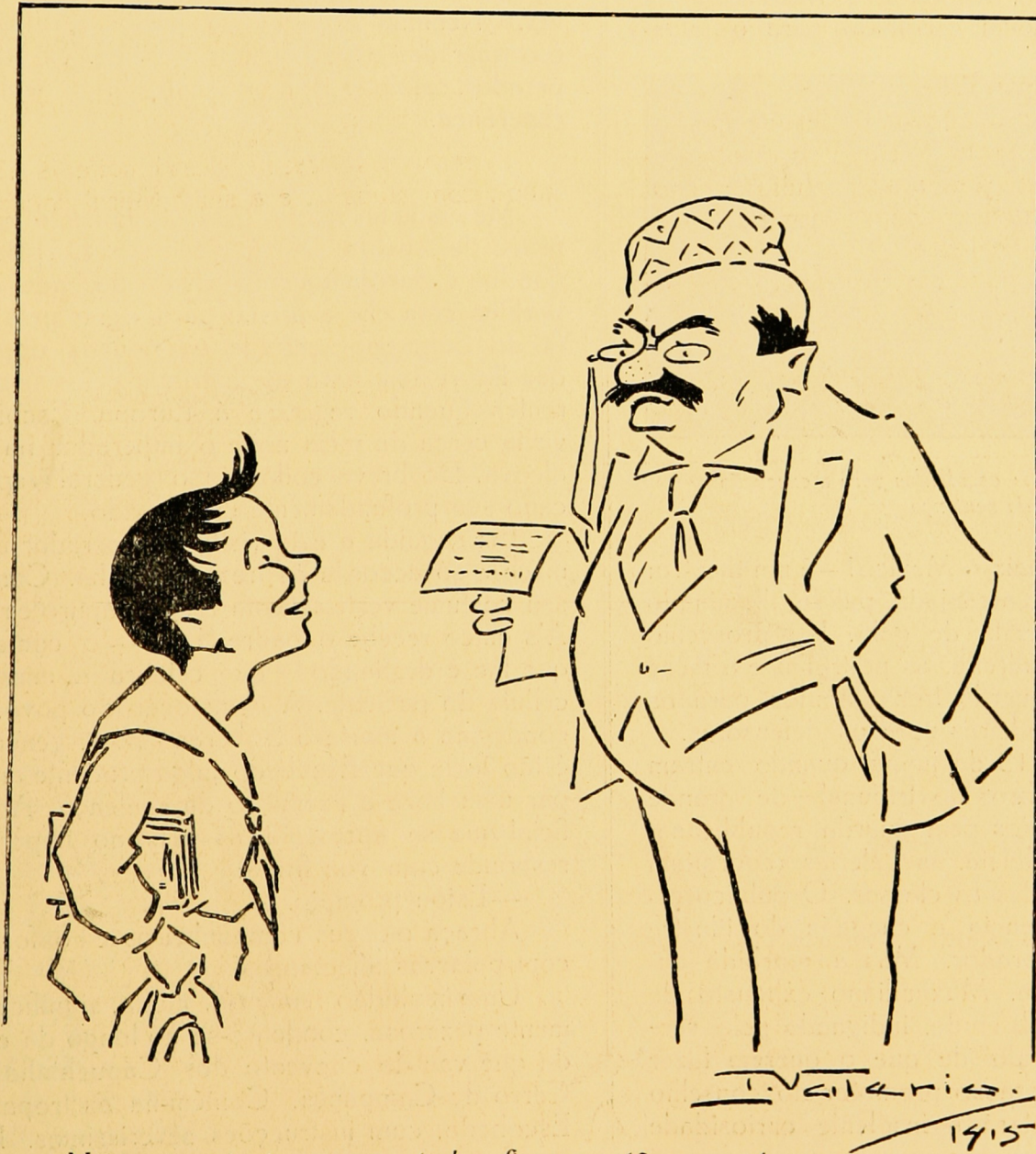
J. P. S.



Os caçadores alpinos do exercito suizo deslizando sobre patins, levando ás costas as respectivas metralhadoras



*Prodígios da engenharia militar italiana. Estradas abertas nos Alpes proximo de Cortuna d'Ampezzo, para facilitar o transporte de forças para a frente da batalha*



*Nunca imaginei que os estudos ficassem tão caros!  
—E, ainda eu papá, sou dos que estudo menos...*



# Maximiliano do Mexico

∞∞

IV

**P**REVENIDO Juarez — que se encontrava no quartel-general de San Luiz de Potosi—do acontecimento convoca immediatamente os membros do governo republicano.

Ao mesmo tempo ordena a Escobedo a applicação pura e simples da terrivel lei de 25 de janeiro de 1862, em virtude da qual um conselho de guerra constituido por um official superior e seis capitães, deve proceder ao interrogatorio dos accusados, ouvir a defeza e pronunciar a sentença, invariavelmente de morte.

Juarez applica uma lei do Estado.

O primeiro grupo dos accusados é formado pelo imperador e pelos generaes Miramon e Mejia. São defensores de Maximiliano os advogados Riva Palacios, De la Torre, Vasquez e Ortega. De Miramon é Moreno e de Mejia Vega. O local escolhido para o julga-



Os sete soldados escolhidos para a execução da sentença

mento—singular paiz o Mexico!—é um theatro: o theatro Iturbide, arranjado, pulido, illuminado como para uma recita de gala. No proscenio estão dispostas á direita, as poltronas e a meza do tribunal; á esquerda trez assentos para os accusados e as cadeiras para os defensores.

Na manhã de 13 de junho quando entram *em scena* os membros do tribunal—de grande uniforme—escoltados pela guarda republicana, os camarotes, a plateia, as galerias regorgitam de curiosos de todas as classes. O publico espera com impaciencia a chegada do illustre prisioneiro: o imperador. Mas a morbida curiosidade é illudida. Maximiliano exausto de forças, febril e, sobretudo, indignado pelo vergonhoso espectáculo de que o querem fazer protagonista, declara ao promotor do conselho que nunca se prestará á insolente curiosidade de um tal auditorio. A's onze horas do dia 15

o tribunal pronuncia a sua sentença. Condemna a serem passados pelas armas Fernando Maximiliano de Habsburgo e os generaes Miramon e Mejia.

Juarez fôra obedecido.

A's onze horas do dia seguinte, o coronel Riva Palacios, filho — caso estranho—do mais valente dos quatro defensores de Maximiliano, intima a sentença ao imperador declarando, que será executada ás tres da tarde d'esse mesmo dia. E' quasi com um sentimento de allivio que o condemnado acolhe a participação da sentença, e, com a sua inexcedivel serenidade prepara-se para a eterna viagem.

A's tres ninguem se apresenta no convento dos Capuchinhos, cadeia improvisada. A's quatro volta Riva Palacios com um decreto presidencial que addia a execução para as sete da manhã do dia 19. E' o prolongamento da agonia. Acorreram á residencia de Juarez todos os defensores, bem como o barão Magnus, ministro da Prussia, a princeza Salm-Salm e outras almas generosas. Magnus, de regresso a Queretaro sem ter obtido nada, telegrapha a Juarez na manhã de 18: «Os condemnados estão moralmente mortos. Após dois dias de agonia é uma crueldade fazê-los morrer outra vez.» Nenhum de tantos espiritos cavalheirescos quer dar a partida por perdida. Só o imperador, calmo, sorridente, não abriga nenhuma esperanza.

\*

\* \* \*

Maximiliano confia o seu testamento ao ministro de Austria no Mexico. Ao Dr. Baschque lhe é devotadamente afeiçoado, que com, partilha com elle a prisão para vigiar pela saúde do Soberano, entrega os poucos objectos que lhe restam para os distribuir pelos seus parentes quando regresso á Europa. Escobedo visita cerca da meia noite o imperador na sua alcova. Do breve colloquio o general republicano sae profundamente commovido.

Em seguida a esta visita o imperador adormece e só accorda ás tres da manhã. Como é seu costume veste-se com todo o apuro e rigor. A's cinco recebe o padre Soria — o confessor que lhe é destinado — que celebra a missa na cellula do paciente. A commoção do povo, que condemna á morte o Soberano bom, generoso, é tão forte que Escobedo julga prudente antecipar uma hora a execução da sentença. Ao official que se apresenta ás seis ao imperador responde com voz firme:

—Estou prompto.

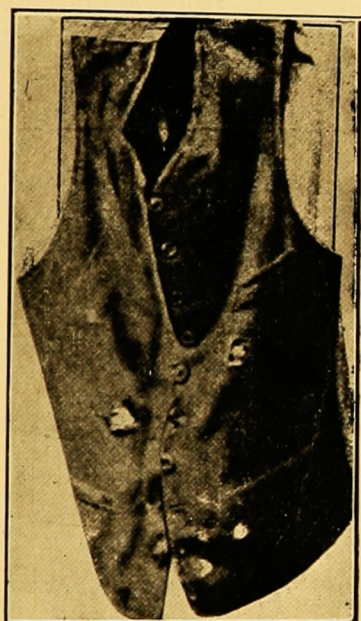
Abraça os seus companheiros e conforta-os com palavras affectuosas.

Uma multidão immensa, muda, significativamente pezarosa, condensa-se ao longo da estrada que vae do convento dos Capuchinhos ao Cerro de Campanas. Contém-na as tropas de Escobedo, com instrucções severissimas. Logo que o triste prestito sae do convento todos os



sinos dobram a finados. Devido a ter-se antecipado a execução, o transporte dos tres condemnados tem de effectuar-se em carruagens de praça. Na primeira vae o imperador com o padre Soria e o seu fiel criado hungaro Tudos. Nas outras mettem-se Miramon e Mejia com os seus confessores. A' passagem do lugubre cortejo toda a gente tira respeitosa o chapéu; muitas mulheres principiam a chorar; não poucas desmaiam.

Na falda do Ceiro de Campanas forma quadrado um forte nucleo de tropas commandadas pelo general Jesus Diaz de Leon. Maximiliano desce agil da carruagem, ao passo que o padre Soria, dominado pela emmoção, desfallece. E' o imperador quem lhe accode, quem o conforta, quem lhe aproxima do nariz um



O colete do imperador furado e chamuscado pelas balas

frasco de saes. Querendo os seus companheiros dar-lhe o centro, convida Miramon a tomar esse posto, e diz lhe:

— Um valente deve ser sempre realçado pelo seu Soberano. Peço-lhe que occupe o lugar de honra.

O joven official que commanda os sete atiradores do pelotão de execução, adeanta-se, altamente impressionado e pede-lhe perdão.

— Moço! é soldado, deve obedecer.

Colloca-se depois em frente dos sete soldados e manda dar uma onça de ouro a cada um, recommendando com voz firme:

— Rapazes, apontem bem! apontem ao coração!

Volta-se para os seus dois companheiros, tira o chapéu, e alto, solemne, diz para o povo:

— Morro pela liberdade e independencia do Mexico. Oxalá que o meu sangue acabe com os males da minha nova patria. Viva o Mexico!

Enxuga a testa alagada em suor, cofia a

barba e espera. A descarga bate-lhe em pleno peito. Cae sobre a direita, murmurando:

— "Homens! . . ."

Respira ainda. O official manda acercar um sargento e ordena-lhe que desfeche sobre o coração de Maximiliano, indicando-lhe o sitio com a ponta da espada. A arma do sargento não dispara. Tem de correr um outro soldado, que faz fogo á queima-roupa. A chamma não queima o colete . . .

EDUARDO DE NCRONHA.



# AS PRATAS

POR CARLOS VAZ PINTO



Ao meu amigo, o glorioso poeta Gomes Leal.

Usurario banqueiro que juntara  
Avultada fortuna, em transacções,  
Ufano, aos seus amigos, nos serões,  
Mostrava as boas pratas que *arranjara* . . .

Comquanto, em uma vida sempre avára,  
N'outro tempo evitasse as relações . . .  
Abria, agora, alegre, os seus salões,  
Mas só a gente rica, fina e rara! . . .

Um convidado seu, que se dizia  
Riqueza possuir igual áquella,  
Pelo banqueiro é procurado um dia,

Pedindo para ver sua baixela;  
— E o bom homem, os pobres que acolhia  
Lhe aponta, e diz: «Eis minha prata! . . . — é bella!»

.....

Servira, a bem dos pobres, a lição;  
Pois que, desde esse dia, o tal banqueiro  
A todos, com a esmola, enchia a mão!

Arouca, 15 de  
Janeiro de 1916.



# Anecdotas • historicas

## Ditos • e • pensamentos



**I**NSTIGADO pelos clamores dos nobres, Pompeu decidiu-se a dar batalha a Cesar, perto de Pharsalia.

Aos seus soldados recommendou Cesar:

—Soldado, fere no rosto!

Sabia que os jovens nobres, que iam dirigir a carga da cavallaria, receiavam mais a disformidade d'uma ferida do que a deshonra da fuga. No momento de dar o signal reconheceu um veterano da decima legião a quem chamou pelo seu nome:

—Então, Crastino, estamos animados? Bate-lo-hemos?

—Venceremos com gloria, Cesar.—respondeu elle com voz vibrante—e hoje vós me louvareis vivo ou morto.

A historia, de certo—commenta Durny—faz como Cezar que chorou o triste fim do seu rival. Mas se todos concordam que os serviços de Pompeu, que o esplendor da sua vida militar, que a dignidade da sua vida particular merecem respeito e elogios, não se pode comtudo deixar de condemnar a ambição esteril e as perpetuas indecisões, d'aquelle que não queria o poder senão *para ostentar a sua veste triumphal*.

### Coração de Leão

Ricardo Coração de Leão conseguiu prender o bispo de Beauvais e encerrou-o no castello de Ruão. Em vão Beauvais conjurou o papa Celestino III a que interviesse em seu favor.

O rei de Inglaterra mandou ao Pontifice a armadura manchada de sangue do bispo, com estas palavras da Escripura: «Vê se é a tunica de teu filho!» O papa desatou a rir, dizendo: «E' a tunica d'um filho de Marte; Marte que o liberte.»

O bispo ficou preso até á morte do rei Ricardo.

### O dinheiro do templo de Saturno

Cesar vence Pompeu e entra em Roma á frente das suas legiões. Todos sentiam que Cesar se ia tornar o senhor, que a republica estava condemnada por consentir a anarchia e a immoralidade. Para mostrar o que seria essa realza, reuniu o povo e prometeu-lhe uma gratificação em trigo e em dinheiro. Mas o dinhei-

### Pharsalia

ro faltava-lhe. Decidiu-se a tirar do thesouro depositado no templo de Saturno. Era o oiro reservado para as necessidades externas, e uma lei prohibia que se lhe tocasse, a não ser em caso de invasão dos Gallos. O tribuno Metello oppõe-se, mas Cesar replica:

—Venci a Gallia. Essa razão já não existe, de mais o tempo das armas não é o tempo das leis.

### Legiões surgindo do chão

Como o povo de Athenas que escutava os seus oradores enquanto Philippe passava as Thermopylas, o senado estava ainda a deliberar enquanto Cesar transpõe o Rubicon, limite da sua provincia. Pompeu cortado das suas legiões de Hespanha, era obrigado a confessar que não podia defender Roma contra Cesar. Então Valcacio diz zobeteiro a Pompeu:

—Bate com o pé no chão para que as legiões apareçam!

Porque Pompeu tinha a vaidade de dizer que na hora do perigo lhe bastaria bater com um pé no chão para fazer surgir legiões.

### Título de posse

Eduardo I de Inglaterra, inimigo implacavel dos israelitas, acabou por os exilar e confiscar-lhes os bens em 1290. Mandou tambem examinar o estado da propriedade territorial no reino, para regularisar o titulo de posse dos christãos. Quando faltavam as provas, o rei exigia uma multa antes de conceder novas cartas patentes; mas esta medida nem sempre era applicavel. Quando o conde de Warreme foi chamado a produzir os seus pergaminhos, puxou da espada e disse:

—E' este o titulo porque possuo as minhas terras e que me bastará para as defender. Nossos paes, que vieram com Guilherme, adquiriram a terra com as suas boas lanças: auxiliaram-no e dividiram com elle.

Os titulos do conde foram julgados bastantes.

\* \* \*

O amor cego algumas vezes se lisongea dos desprezos.—*Juvenal*.

O amante sabe o que deseja e não vê o que sabe.—*Seneca*.

TITO FLAVIO.

ANNO III